

A LENDA DE SÃO JORGE E O DRAGÃO

JACOPO DA VARAZZE

FREE BOOKS



JACOPO DA VARAZZE

A LENDA DE SÃO JORGE E O
DRAGÃO

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS
TERROR-HORROR-FANTASIA

Título: A LENDA DE SÃO JORGE E O DRAGÃO

Autor: Jacopo da Varazze (1228 – 1298)

Tradução de Paulo Soriano

Imagem da capa: *Sir* Joseph Edgar Bohem (1834 - 1890).

Leiaute da capa: Canva

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 16

Editor: Free Books Editora Virtual

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da tradução: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

[A LENDA DE SÃO JORGE E O DRAGÃO](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

A LENDA DE SÃO JORGE E O DRAGÃO

Certo dia, chegou o soldado Jorge, natural da Capadócia, a uma cidade chamada Silca, na província da Líbia. Próximo dali, havia um lago tão grande quanto um mar, e nele se ocultava um dragão, enorme e pestilento, que atemorizava as pessoas daquele sítio. Por várias vezes, tentaram capturá-lo, mas tiveram de fugir em carreira desabalada, malgrado as pessoas estivessem fortemente armadas. Além disto, o monstro era tão sumamente pestilento que o odor nauseabundo que exalava chegava aos muros da cidade e com ele infestava todos os que se aproximavam das margens daquelas águas. Os habitantes de Silca lançavam ao lago, todos os dias, duas ovelhas ao dragão, para que, assim alimentado, os deixassem em paz. Se ao monstro faltasse alimento, ia ele em busca de comida junto às muralhas, aterrorizando as pessoas. Com sua podridão e hediondez, o monstro contaminava o ambiente e causava grande mortandade.

Depois de um certo tempo, os moradores da região ficaram sem ovelhas, ou com um número muito escasso delas, e como não lhes era fácil manter os seus rebanhos, reuniram-se em assembleia e deliberaram por lançar, a cada dia, no lago, para alimentar a besta, uma ovelha e uma pessoa. A escolha da vítima seria feita diariamente, por sorteio, sem dele excluir quem quer que fosse. Mas chegou o dia em que quase todos os habitantes haviam sido devorados pelo dragão. Certa feita, quando só restavam muitos poucos habitantes, ao fazer-se a escolha de quem seria imolado, a sorte recaiu sobre a filha única do rei. Este, então, profundamente amargurado, propôs aos seus súditos:

— Eu vos dou toda minha prata, todo o meu ouro, até mesmo a metade de meu reino, se fizerdes uma exceção para minha filha. Não posso suportar que ela padeça com morte desta espécie.

— Mas, indignado, o povo replicou:

— Jamais! Foste tu que propuseste que as coisas fossem feitas assim. Por causa de tua proposta, nós perdemos os nossos filhos e, agora, quando chegou a hora a tua vez, pretendes modificar a lei que sancionaste. Não passaremos por isto. Se tua filha não é lançada ao fogo para alimentar, como todos os demais, o dragão, ataremos fogo em tua casa e te queimaremos vivo!

Diante de tal recusa, o rei lançou gritos de dor, exclamando:

— Ah, pobre de mim! Oh, minha doce filhinha! O que posso eu fazer? O que posso alegar em teu favor? Já não mais te verei casada, como era o meu desejo!

Depois, dirigindo-se aos cidadãos, suplicou:

— Adiai por oito dias o sacrifício de minha filha, para que eu possa mais longamente chorar tão grande desgraça.

— O povo concedeu este pedido. Mas, passados os oito dias, a gente da cidade cuidou de exigir ao rei que entregasse a sua filha para jogá-la ao lago. E, diante do palácio real, diziam, aos gritos:

— Queres tu que pereçamos todos à conta de salvars a tua filha? Não estás a ver que todos morreremos infestados pela pestilência do dragão, que está ao pé da muralha, reclamando a sua comida?

O rei, convencido de que não podia salvar a sua filha, vestiu-a com roupas suntuosas, e banhando-a com as suas lágrimas, disse:

— Ah, filhinha mui querida! Acreditava eu que me darias uma vasta descendência! Mas, em vez disto, hás de ser devorada pela besta cruel! Ah, dulcíssima filha! Pensava convidar à tua boda todos os príncipes da região e adornar os palácios com margaridas, e fazer ressonarem as músicas de órgãos e timbales. Mas, o que é o que me espera? Apenas ver-te devorada por esse dragão.

E repetia, enquanto a cobria de beijos:

— Antes morrer que perder-te desta maneira!

A donzela prostrou-se diante do pai e rogou que a abençoasse antes de empreender aquela funesta viagem. Vertendo torrente de lágrimas, o rei deu-lhe a sua bênção. Depois disto, a jovem saiu da cidade e seguiu para o lago. Quando, chorando, caminhava para cumprir o seu destino, São Jorge encontrou-se casualmente com ela e, ao vê-la assim tão aflita, perguntou-lhe por que vertia tão copiosas lágrimas.

A donzela respondeu:

— Oh, meu bom jovem! Não pares por mim! Monta o teu cavalo e foge a toda pressa, porque, senão, a morte que me aguarda também te alcançará.

— Não temas, filha — respondeu São Jorge. — Conta-me o que te passa e diz-me o que faz ali aquele grupo que parece estar a assistir a algum espetáculo.

— Parece-me, piedoso jovem — disse a donzela — que tens um coração magnânimo. Mas, desejas tu morrer comigo? Faz pouco de mim e foge o quanto antes!

Mas o santo insistiu:

— Não sairei daqui até que me tenhas contado tudo o que te sucede.

A jovem explicou-lhe o seu caso e, quando terminou o seu relato, Jorge lhe disse:

— Filha, não tenhas medo. Em nome de Cristo, eu te ajudarei!

— Obrigada, corajoso soldado! — replicou a donzela. — Mas insisto que te ponhas imediatamente a salvo, se não queres padecer comigo. Não poderás livrar-te da morte que me espera, porque se tentares ajudar-me, tu também morrerás. Como não tenho salvação, salva-te tu.

Durante o diálogo precedente, o dragão pôs fora d'água a cabeça, nadou até a beira do lago, saiu à terra e avançou na direção dos dois. Então a donzela, ao ver que o mostro se aproximava, aterrorizada, gritou para Jorge:

— Foge! Foge a toda pressa, bom homem!

Jorge saltou no cavalo, benzeu-se e recomendou-se a Deus. Enristou a sua lança, fazendo-a vibrar no ar, e, esporeando a cavalgadura, arremessou contra a besta a toda velocidade. E, quanto a teve ao seu alcance, mergulhou em seu corpo a arma e a feriu, arrojando-o ao chão. Apeando, disse à jovem:

— Tira o teu cinturão e enlaça o monstro pelo pescoço. Não temas, filha. Faz o que eu te digo.

Tendo amarrado o dragão conforme Jorge lhe dissera, a donzela tomou a ponta do cinto como se fosse uma corda de cavalgadura e começou a caminhar em direção à cidade, levando atrás de si o dragão, que a seguia como se fosse um cãozinho manso. Quando chegou à porta da muralha, o público, que ali estava congregado, ao ver que a donzela trazia a besta, pôs-se fugir em direção aos bosques, gritando:

— Ai de nós! Agora, sim, é que morreremos todos!

São Jorge cuidou de detê-los e tranquilizá-los:

— Não tenhais medo! Deus me trouxe a esta cidade para libertar-vos deste monstro! Crede em Cristo e vos batizeis! E vereis como eu mato esta besta, assim que tiverdes recebido o batismo!

O rei e o povo se converteram e, depois que todos se batizaram, São Jorge, diante da multidão, desembainhou a sua espada e, com ela, deu morte ao dragão, cujo corpo, arrastado por quatro parelhas de bois, foi tirado da cidade amuralhada e levado a um campo distante.

Vinte mil homens se batizaram naquela ocasião, sem contar mulheres e crianças. O rei, agradecido, mandou construir uma imensa igreja, dedicada a Santa Maria e ao beato Jorge. Ao pé daquela igreja começou a manar uma fonte mui abundante, e de uma água tão milagrosa que todos aqueles que dela bebiam ficavam curados de toda e qualquer enfermidade.

O rei, igualmente, ofereceu a Jorge uma imensa quantidade de dinheiro. Mas o santo a recusou, pedindo ao monarca que distribuísse a fabulosa fortuna entre os pobres.

Jorge deu ainda ao rei quatro breves conselhos: zelar pelas igrejas de Deus, honrar os padres e jamais se esquecer dos pobres.

E, beijando o rei, retomou o seu caminho.

SOBRE O AUTOR

Jacopo de Fazio (1230 – 1298), dito Jacopo ou Giacomo da Varazze, frade dominicano, escreveu a *Leggenda Aurea*, em que narra as lendas piedosas sobre a vida dos santos da igreja medieval. Arcebispo de Gênova (1892 – 1898), foi beatificado em 1816 pelo papa Pio VI.